

# ENCRUZILHADA

KASIE WEST

Tradução

FLÁVIA SOUTO MAIOR

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2012 by Kasie West  
Publicado mediante acordo com HarperCollins Children's Books,  
um selo da HarperCollins Publishers.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Pivot Point

CAPA © Sammy Yuen

FOTO DE CAPA © Ada Summer/ Corbis/ Latinstock

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Julia Barreto e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

West, Kasie

Encruzilhada / Kasie West ; tradução Flávia Souto Maior. —  
1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2015.

Título original: Pivot Point.  
ISBN 978-85-65765-71-8

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

---

15-04528

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

# 1

**em.bos.ca.da:** *sf.* escolher um sujeito (eu) e esperar escondido para atacá-lo

— Olha a bola! — gritou alguém à minha direita. Levantei a cabeça a tempo de ver uma bola de futebol americano me acertar bem no meio da testa.

Nunca entendi muito bem por que as pessoas nos mandam *olhar* quando alguma coisa está vindo em nossa direção. *Abaixe, cuidado, desvie*, até mesmo *atenção* teriam funcionado. Fiquei caída de costas, segurando um livro junto ao peito, observando o céu listrado de roxo e dourado — os Perceptivos estavam se preparando para o jogo de futebol americano que aconteceria à noite. Como se ver as cores da escola no céu fossem nos fazer correr para a bilheteria.

Resumi mentalmente minha situação. Tinha caído no cimento, então não havia lama envolvida, felizmente. Só tinha perdido no máximo trinta segundos, então ainda conseguia chegar à sala de aula a tempo. Estava bem. Minha ansiedade se desfez com o pensamento.

Um rosto familiar, cabelos loiros despenteados e um grande sorriso, apareceu na minha frente.

— Sinto muito. Eu disse “olha a bola”. — O sorriso provou que ele não “sentia muito” coisa nenhuma. Estava se divertindo.

*E eu olhei*, foi o que eu quis dizer. Mas em vez disso ignorei a mão que o garoto me estendeu e levantei sozinha do chão.

— É, ouvi o que você disse, Duke. — Tirei a poeira do corpo e saí andando. O local atingido pela bola latejava, então pressionei a ponta

dos dedos contra ele, certa de que estava com uma marca vermelha horrível.

Devia ter Investigado a manhã, no fim das contas. Assim teria visto que isso aconteceria. Mas eu não Investigava todas as minhas escolhas — só as mais importantes. Já havia tantas realidades alternativas flutuando em minha mente que às vezes era difícil lembrar quais eu realmente vivenciara e quais eram escolhas que nunca havia feito.

Ainda assim, de manhã cedo, quando saí da cama e vi a neblina pela janela, fiquei tentada a ver o que aconteceria se ficasse em casa em oposição ao que aconteceria se fosse à escola. Minha mãe tomou a decisão por mim quando abriu a porta e disse:

— Addie, vou levar você hoje. Não gosto que dirija na neblina.

— Está bem, obrigada. — Sabia que não adiantava discordar. Minha mãe era Persuasiva. Essa era sua habilidade mental. Meus pais tinham as piores habilidades mentais que quaisquer pais de adolescentes poderiam ter. Quem gostaria de ter uma mãe capaz de Persuadi-la a fazer tudo o que quisesse? Ela dizia que só se aproveitava disso quando era realmente importante, mas eu tinha minhas dúvidas.

Meu pai era um detector de mentiras humano — embora minha mãe não gostasse que eu o chamassem assim: o termo técnico era Discernidor. Ele era capaz de saber imediatamente quando eu estava mentindo. Dizia que conseguia saber até mesmo quando eu tinha *intenções* de mentir. Irritante.

Sentei no meu lugar pouco antes do último sinal tocar. Minha melhor amiga, Laila, não teve a mesma sorte. Como sempre, passou pela porta pelo menos uns cinco minutos depois. O batom vermelho brilhante junto à pele pálida atraiu meus olhos imediatamente para seu sorriso rebelde. Éramos uma dupla estranha, constantemente empurrando a outra para dentro e para fora da linha do comportamento adolescente normal. Todas as ações dela faziam com que se destacasse, chamavam a atenção das pessoas, enquanto eu só queria me camuflar.

— Laila, o que preciso fazer para que chegue na hora? — perguntei ao sr. Caston.

— Mudar o prédio para mais perto?

— Muito engraçado, srta. Stader. Vai levar uma advertência hoje. Se o mesmo acontecer amanhã, não vai poder sair no intervalo do almoço. Ande mais rápido.

Ela se jogou na cadeira ao meu lado e revirou os olhos. Eu sorri.

— Certo — disse o sr. Caston. As luzes diminuíram e os monitores das carteiras acenderam. Apareceram instruções na tela e as copieimeticulosamente no caderno.

— Sério, Addie? — Laila perguntou, apontando para o meu papel com a cabeça.

Bufei e continuei escrevendo. Os computadores da escola não davam pau havia mais de vinte anos, mas não tinha mal nenhum se preparar para o pior.

— Vamos terminar o trabalho em dupla hoje — o sr. Caston afirmou. — Lembrem, nada de utilizar as habilidades, usem apenas o cérebro.

— Nós *estávamos* usando o cérebro — Bobby disse logo de cara.

— A parte do cérebro onde não está sua habilidade.

Todos resmungaram. Mas, considerando que biologia era uma matéria de Estudos Normais, sabíamos a regra: aulas que nos ensinavam conhecimentos para existir do Lado de Fora precisavam ser aprendidas da maneira tradicional.

— Não me obriguem a ligar os bloqueadores de habilidades da sala. Vocês não estão mais no ensino fundamental aqui. E desliguem os celulares, pessoal.

Mais um resmungo coletivo.

Laila me mostrou o celular com um sorriso conspiratório. Uma bola de futebol americano com código de barras ocupava a tela.

— Vai ao jogo comigo dessa vez?

— Você comprou ingresso? Aquela coisa do céu colorido funcionou com você?

— O quê? Não — ela disse, como se a possibilidade de ser influenciada por técnicas de manipulação a ofendesse profundamente.

— Eu ia de qualquer jeito. Isso não tem nada a ver com... Ei, o que aconteceu com a sua cabeça?

Voltei a passar a mão na testa.

— Foi a bola do Duke.

— Você falou com Duke?

— Não exatamente, mas a bola dele e eu tivemos uma conexão.

De canto de olho, vi Bobby passar. Sua perna encostou na beirada da minha carteira e meu estômago deu um nó. Tentei ignorar e finge que não o vi.

— O que você quer? — Laila perguntou a ele. Mesmo que eu tasse convencê-la do contrário, ela achava que era minha guarda-costas.

— Quero falar com Addie.

Eu abaixei e remexi na mochila, esperando que ele entendesse a indireta. Mas não. Peguei uma caneta marca-texto amarela e coloquei sobre a mesa. Ainda assim, ele ficou ali. Finalmente, com um suspiro, olhei para cima.

— Bobby, por favor, me deixe em paz.

— Achei que agora que o baile já passou você falaria comigo. E me explicaria por que foi de simpática a fria assim que a convidei para ir comigo.

— Não.

— É. Pode ir embora então — Laila acrescentou.

Ele se afastou, olhando uma vez para trás. Aquele olhar me dizia que Bobby não ia desistir ainda. Esperava que meu olhar dissesse: “Você tem que desistir”. Também meio que esperava que dissesse: “Te odeio muito”. Mas se dissesse pelo menos uma das duas coisas já ficaria satisfeita.

— Addie, você não pode punir alguém por alguma coisa que viu em uma Investigação. Ele não tem ideia do que teria feito de errado.

— Não é culpa minha que, se eu tivesse ido ao baile com Bobby, ele enfiaria a língua na minha garganta e a mão debaixo do meu vestido — sussurrei.

— Eu sei e fico muito feliz por você não ter ido com ele. Mas Bobby não fez isso *de verdade*.

— Mas teria feito. — Empurrei a caneta. Ela rolou sobre a superfície de vidro do meu teclado iluminado e se aproximou da beirada da mesa antes de rolar de volta à segurança. — É assim que Bobby é, e não consigo olhar para ele sem ver aquela Investigação.

— Quer que eu Apague?

— Eu já pedi para você Apagar alguma coisa antes? — Sempre que ela se oferecia para Apagar uma lembrança, eu fazia essa pergunta.

E ela sempre respondia:

— Se você pediu, eu não vou te lembrar.

Fiz uma careta para ela.

— Você é irritante.

Laila começou a pintar as unhas com uma caneta preta.

— E aí? Quer?

— Não. Porque eu esqueceria o que ele é capaz de fazer e aqueles olhos de cachorro abandonado poderiam me convencer a sair com ele.

— Estremeci. Jamais acharia que ele era “incompreendido” por usar aqueles cabelos castanhos ensebados e jeans rasgados. Mas sem as lembranças, tinha certeza de que, mais uma vez, acreditaria que um bom xampu daria um jeito naquela aparência detestável.

— É verdade.

— Ei, pode me dar uma carona para casa hoje? — perguntei, louca para parar de falar sobre Bobby.

— Claro. Seu carro não pegou de novo de manhã?

Passei os olhos sobre os diagramas em meu monitor até encontrar a tarefa que devíamos fazer.

— Não, neblina.

— Ah, é claro. — Ela não precisava de mais explicações. A superproteção da minha mãe já havia afetado muitas das nossas saídas. Laila se virou para seu monitor porque o sr. Caston começou a passar pelas fileiras. Na tela havia um diagrama dos órgãos internos do sapo.

— Onde fica o rim? — ela perguntou.

Apontei, e o órgão em formato de feijão escureceu quando meu dedo encostou na tela. O sr. Caston passou por nossa mesa.

— Então, voltando a falar sobre Duke — ela sussurrou quando o professor não podia mais ouvir. — Quero saber todos os detalhes.

— Não tenho nada para contar. A bola de futebol americano dele me derrubou. Ele pediu desculpas.

— E o que você falou?

Parei para pensar.

— Eu falei: “É, ouvi o que você disse, Duke”. — Um olhar de terror se estampou no rosto dela e eu me contraí.

— Addison Marie Coleman. Você tem a oportunidade de dar mole para Duke Rivers e estraga tudo? Depois de todos esses anos sendo minha amiga, não aprendeu nada? Era sua chance. Não podia ter fingido que estava machucada e feito ele te levar até a enfermaria?

— Duke me *machucou*. Mas me irritou mais. Ele deixou a bola de futebol americano bater na minha cabeça.

— Como sabe que ele deixou?

— Oi? Ele é Telecinético. Poderia simplesmente ter desviado a bola.

— Que é isso, Addie? Ele não pode usar os poderes o tempo todo. Pega leve.

— Ele *deixou* uma bola de futebol americano bater na minha cabeça — repeti lentamente.

— Está bem, está bem, talvez ele não seja o cara mais gentil do mundo, mas é o Duke. Ele não precisa ser.

Um suspiro alto escapou dos meus lábios.

— Laila, não me obrigue a te bater. São meninas como você que permitem que caras como Duke se comportem como quiserem.

Ela riu.

— Para começar, queria só ver você me bater, magrela. Em segundo lugar, se eu estivesse com Duke, ele ficaria bonzinho em dois segundos. — Ela encostou na cadeira e soltou um suspiro pensativo, como se a imagem mental de estar na companhia de Duke passasse por sua cabeça. — Gatoso.

— O quê?

— *Gato e gostoso*. No dicionário estaria listado como substantivo e nem precisaria de definição, só uma foto de Duke Rivers.

— Ah, faça-me o favor. Existem muitas palavras no dicionário que já deveriam ser ilustradas com a cara do Duke: *convencido, egocêntrico, arrogante...* E, além disso — eu sorri —, *gostoso* seria um adjetivo.

— Meninas — disse o sr. Caston —, não estou vendo ninguém estudando aí nesse canto.

Laila apontou para o monitor.

— Já localizamos o rim, sr. Caston.

Quando voltei para casa, encontrei meus pais na sala. Estavam sentados um de frente para o outro, cada um em um sofá, sérios e com as mãos sobre o colo. Minhas bochechas ficaram dormentes quando todo o sangue de repente se esvaiu.

Minha casa era o que Laila sempre descrevia como “aconchegante à moda antiga” — cheia demais, com móveis que não combinavam entre si, tapete felpudo e paredes cor de mel. O tipo de casa em que era fácil se sentir à vontade e relaxar. Naquele momento tive a impressão contrária, e a tensão se acumulou em meus ombros.

— A vovó está bem? — perguntei. Era a única coisa que me ocorria para justificar ambos em casa no meio do dia e tão sérios.

O sorriso que surgiu no rosto da minha mãe pareceu complacente e imediatamente me colocou na defensiva.

— Sim, querida, a vovó está ótima. Todo mundo está bem. Por que não guarda a mochila e depois vem sentar com a gente? Precisamos conversar.

Fui para o meu quarto e imaginei o que aconteceria se me trancasse lá dentro. Até olhei para a estante alta perto da porta, que poderia ser arrastada para bloquear a entrada, como se a ideia fosse realmente válida. Se eu não saísse nunca mais, eles não poderiam me dar a notícia que os preocupava tanto. Andei de um lado para o outro por alguns minutos, revendo minhas opções, me convencendo a não investigar, e depois saí.

Minha mãe apontou para a solfrona (apelidada assim por ser menor

do que um sofá, mas maior do que uma poltrona). Ficava encostada na parede entre os sofás, e sentei nela.

Enfiei as mãos entre as coxas para evitar roer as unhas.

— Alguém vai me contar o que está acontecendo? — Olhei diretamente para meu pai, esperando que ele contasse. Independente mente do que fosse, meu pai diria com mais cuidado. Ele reconhecia a existência de sentimentos. Diferente da minha mãe, que parecia achar que as pessoas eram como os programas que ela desenvolvia: fáceis de reconfigurar quando não reagissem como o esperado.

O rosto dele não disse nada a princípio, depois suavizou e assumiu uma expressão parecida com pena. Não era um bom sinal.

Mas foi minha mãe que começou a falar:

— Addie, depois de tentarmos por vários anos resolver nossas diferenças, seu pai e eu decidimos nos separar.

Senti como se centenas de bolas de futebol americano atingissem minha testa. O local voltou a latejar, e passei a mão na marca vermelha. Tentei processar o que ela havia dito, mas não fazia sentido. Meus pais se davam bem. Por que um deles iria embora?

— Você não está dizendo que vão se divorciar, está?

— Sim, querida. — Aparentemente, a abordagem direta não havia desencadeado a reação certa, então ela mudou para o tom de voz veja-como-posso-parecer-cheia-de-compaixão. — Não tem nada a ver com você. São questões que não conseguimos resolver. Separar nossa família era a última coisa que queríamos. Mas já tentamos de tudo e nada ajudou. — Ela inclinou a cabeça e apertou os olhos. Aquela era para ser sua cara de sofrimento? Parecia forçada. — Achamos que você talvez estivesse preparada. Não andou Investigando? — A última frase foi acompanhada por uma mão sobre meu braço.

Comecei a encarar a mão dela, que um instante depois não estava mais lá. Tirou um fiapo do tecido do braço do sofá, depois a juntou à outra mão sobre seu colo.

Demorei um segundo para me dar conta de que ela havia feito uma pergunta.

— Não, faz tempo. — Minha última Investigação tinha sido na semana retrasada, e só havia chegado até o baile da escola, que aconteceu na sexta-feira. Se eu simplesmente tivesse olhado alguns dias a mais, saberia que isso aconteceria. — Eu não entendo. Que motivos vocês têm para se divorciar? — Senti as palavras amargas na boca.

— Somos como estranhos morando na mesma casa. Nem nos importamos o suficiente para brigar.

Esperei meu pai se manifestar, dizer que não queria aquilo, mas assentiu.

— Desculpe, querida. É verdade.

— Mas eu me preocupo com vocês dois. Não podem fazer isso.

— Já tomamos a decisão — minha mãe disse. — Agora só falta você tomar a sua.

— Minha decisão é que vocês fiquem juntos.

Minha mãe ainda foi capaz de rir. Certo, não foi uma gargalhada, foi mais uma risadinha, mas mesmo assim.

— Isso não é você que decide, Addie. O que tem que decidir é com quem quer morar.

## 2

**In.jus.tó.po.lis: s. terra governada por meus pais**

Fiquei perplexa, em silêncio, convencida de que o protocolo de segurança da casa tinha sido iniciado quando cheguei e aquelas eram versões holográficas dos meus pais, programadas para enganar invasores. Isso deixa claro como o que tinham dito não fazia o menor sentido para mim. Mas eles não eram hologramas. Estavam bem diante de mim, esperando minha reação. Considerando que nenhum de nós se moveu pelo que pareceram cinco minutos, fiquei surpresa que as luzes não se apagaram por falta de movimento. Não sabia o que meus pais esperavam de mim, mas eu estava esperando o mundo voltar aos eixos, minha vida voltar ao normal. Pouco acostumada a surpresas, cheguei à conclusão de que não gostava muito delas.

Minha mãe rompeu o silêncio.

— Sei que é uma escolha difícil, Addie. E esperamos que utilize sua habilidade para ver qual futuro parece mais interessante. Não precisa responder agora.

— Não posso ficar com os dois? Não podemos dividir a semana de alguma maneira?

— Até poderíamos se seu pai não tivesse resolvido deixar o Complexo. Ele vai para o mundo Normal.

Meu estômago parou de se retorcer desconfortavelmente e afundou, chegando aos meus pés.

— Você vai embora, pai? — Não eram muitos os que deixavam o

Complexo. Ninguém que eu conhecesse pessoalmente, pelo menos. Essa revelação era quase tão chocante quanto o anúncio do divórcio.

Minha mãe continuou.

— Acho que ficar lá com ele não seria bom para seu desenvol...

— Marissa, você prometeu que não tentaria influenciá-la.

— Desculpe. É verdade, Addie; a decisão é sua. Entre ficar aqui com outros como você ou deixar o Complexo e viver em um mundo cercada de pessoas que usam apenas dez por cento do cérebro.

— Marissa.

— Desculpe — ela repetiu. Dessa vez os dois riram. Fiquei feliz por acharem a situação *tão* divertida, considerando que minha vida tinha simplesmente acabado. Eu levantei abruptamente e eles pararam de rir. O rosto do meu pai se enrugou, retomando a expressão de pena. Dava para notar que ele estava prestes a pedir desculpas, mas eu não queria ouvir.

Sem dizer mais nada, passei por eles e fui direto para o meu quarto. Bati a mão no painel interno, e a porta fechou imediatamente. Uma música furiosa começou a tocar alto, pois o computador obviamente havia decifrado meu humor pela leitura da mão.

— Desligar — eu disse, e a música silenciou. Dei a volta na estante, encostei na lateral, fixei os pés com firmeza no chão e empurrei. Quando ela não saiu do lugar, escorreguei até o chão e encostei a testa nos joelhos.

Eu não tinha como tomar essa decisão. Seria melhor se eles simplesmente me dissessem o que fazer, se não me dessem escolha. É claro que reclamaria disso também, mas pelo menos não seria obrigada a escolher entre um dos meus pais.

Me arrastei até a mochila, peguei o celular no bolso da frente e liguei para Laila.

— Oi — ela disse. — Já estou chegando em casa. Esqueceu alguma coisa no meu carro?

— Esqueci?

— Não sei. Achei que estava ligando por isso.

— Ah, não. Não foi por isso. — Eu me deitei sobre a mochila, e nem me mexi quando as canetas e outros itens volumosos começaram a pressionar minha bochecha. O desconforto criava uma distração momentânea de outros sentimentos mais desagradáveis. Fechando os olhos, escutei a leve estática da linha telefônica.

— O que foi então?

— Meus pais vão se divorciar. — Pela primeira vez desde o anúncio meus olhos começaram a arder e senti um nó na minha garganta.

— Ah, não. Sinto muito. Estou voltando praí, certo?

Não consegui responder. Apenas acenei com a cabeça.

Dez minutos mais tarde ouvi uma batida na janela. Era por ali que Laila entrava no meu quarto no meio da noite. Não era preciso utilizar esse artifício no momento, mas fiquei feliz por ter feito isso. Me sentia traída pelos meus pais e não achava que mereciam saber o quanto precisava da minha melhor amiga.

Pressionei o botão que abria automaticamente a janela e a tela. Laila escalou o arbusto seco no canteiro de flores como uma profissional e entrou no meu quarto. Imediatamente jogou os braços em volta de mim.

— Sinto muito — ela repetiu. — Isso é uma droga.

— Meu pai vai se mudar. — Junto ao ombro dela, minha voz saiu abafada. — Preciso escolher.

— O quê? — ela desfez o abraço. — Ele vai sair do Complexo? Por quê? Vai ajudar na contenção?

— Eu...

Havia ficado chocada demais para perguntar o que ele faria do Lado de Fora. A maioria das pessoas só deixava o Complexo para ajudar no processo de manter a Paracomunidade em segredo — investigar vazamentos de informação, analisar os danos, Apagar lembranças. Mas alguns saíam para assumir postos importantes, como ajudar a reunir informações para mandar ao Complexo, mantendo-nos informados so-

bre o mundo Normal. Eram poucos os que partiam com o desejo de se integrar ao lugar — ou seja, basicamente desaparecer. Eu não fazia ideia da categoria em que meu pai se enquadrava.

— Não sei — finalmente disse.

— E você talvez vá com ele?

Concordei com a cabeça.

— Não. Você não pode fazer isso. Não pode ir embora. Vai odiar aquele lugar. Qual foi a última vez que teve que lidar com Normais? — ela perguntou, colocando uma mão na testa e a outra na cintura.

— Não lembro direito. Anos atrás. — Eu lembava perfeitamente. Tinha oito anos. Tivemos que preencher milhares de papéis e fazer juramentos secretos. Tudo isso para uma viagem de fim de semana para a Disney. Estava lotado. Tudo parecia tão *normal*. Todas as atrações eram ultrapassadas e os fogos de artifício não eram nada em comparação ao show de luzes dos Perceptivos. Meus pais brigaram o tempo todo.

— Isso é tão injusto. — Ela me levou até a cama e nós duas subimos, encostando na cabeceira. Ela tirou os sapatos e se virou para mim. — Você vai ficar aqui, não é? Senão vai ter que deixar a escola e todos os seus amigos... e eu.

Nem tinha começado a pensar nos detalhes de uma escolha em detrimento da outra, mas ela tinha razão.

— Você vai Investigar?

— Preciso fazer uma lista. Prós e contras. — Pulei da cama e peguei um caderno e uma caneta na escrivaninha. Abri em uma página em branco e tracei uma linha no meio. Depois me sentei na beirada da cama com a caneta a postos. O silêncio se prolongava enquanto eu olhava para a página, tentando pensar nas vantagens de partir.

Meus ombros ficaram tensos quando escrevi a primeira palavra, porque sabia que não havia outras para acrescentar debaixo dela. *Pai*. Colocando dessa forma, a escolha parecia fácil: perder uma pessoa ou perder tudo e todos. Mas a ideia de perder meu pai me dava tanta tristeza que meu estômago apertava. Ele era meu porto seguro. A força que me dava tranquilidade na vida. Roí a unha do polegar. Aquilo não

queria dizer que nunca mais o veria. É claro que ele viria me visitar e eu poderia visitá-lo na cidade Normal para a qual se mudasse.

Passei a caneta sobre cada letra repetidas vezes até a palavra ficar bem marcada na página. Quando fui acrescentar mais uma linha sobre o *p*, Laila agarrou minha mão.

— Addie, você precisa Investigar. Eu ajudo.

Ela pegou o caderno e o colocou sobre a cama.

— Quanto tempo?

O maior período que já havia Investigado foi quando Bobby me convidou para o baile. Ele me convidou uma semana antes, e por ter optado não Apagar a lembrança, tive que viver e reviver aquela semana da minha vida. Mas era raro isso acontecer. Quando eu Investigava, costumava ser por apenas alguns dias de cada vez, às vezes horas.

Dei de ombros.

— Um mês, talvez. Seis semanas?

— Quanto tempo demoraria?

— Cinco minutos, sei lá.

As energias simplesmente se misturavam de forma contínua em minha mente. Era mais ou menos como um riacho desaguando em um rio maior, “lembranças” instantâneas dos dois caminhos que eu poderia seguir. Quando terminava, sentia que já tinha seguido por ambos. Era por isso que não gostava de fazer isso com muita frequência, porque era tão real que ficava difícil separar o que “poderia vir a ser” do “foi”.

— Acha que seis semanas bastam?

O anúncio dos meus pais estava me fazendo duvidar de tudo. Costumava saber exatamente o que precisava acontecer e o que precisava fazer para que acontecesse. Não porque Investigava tudo, não era isso, mas porque gostava de ter um plano. Planos eram bons. Mas dessa vez eu não sabia. Estava confusa e frustrada. Pressionei a palma das mãos nos olhos.

— Deve ser suficiente.

Levantei e abaixei os ombros com um suspiro profundo.

Laila, sempre preparada e disposta a fazer quase tudo, disse:

— Bem, e o que está esperando?  
— Quer que eu faça agora?  
— Acho que você se sentiria melhor.

Peguei um travesseiro, abracei-o junto ao peito e me deitei. No teto, em espirais pretas, havia uma citação de Aristófanes que eu tinha pintado: “A mente ganha asas por meio das palavras”. Por algum motivo, ela se destacava entre todas as outras citações que se agigantavam sobre mim.

— Não sei. Seis semanas é muito tempo. Eu odiaria ter tantas lembranças detalhadas na minha cabeça.

— Por quê? Aquela semana antes do baile foi bem legal. Eu gostei de saber que o salto do meu sapato vermelho quebraria na quarta-feira depois da terceira aula, e que teríamos um teste surpresa na sexta.

— Já que eu vivo para te servir, por que não Investigo todos os dias de hoje até a morte?

— Sério, por que não faz isso? — Ela deu um tapa na minha perna. — Está esperando que eu me ofereça ou só está sendo ridícula? Sabe que posso Apagar qualquer caminho que não escolher, assim não terá que fingir. Às vezes me pergunto se só me escolheu como melhor amiga por causa da minha habilidade incrível.

— Até parece. Você nem sabia qual era a sua habilidade até o sétimo ano. — Parei, depois inclinei a cabeça. — Ei, espere aí. Está me dizendo que uso muito sua habilidade?

— Não vou contar. — Ela disse, cantarolando. — E é verdade. Você não me escolheu por causa da minha habilidade, e sim porque empurrei o Timothy depois que ele roubou seu bichinho virtual.

Sorri, depois respirei fundo. Estava evitando essa opção, ainda sem ter certeza se queria saber, se estava pronta para conhecer minha nova vida. Meus pais só tinham deixado a decisão nas minhas mãos por causa da minha habilidade. E por que eu não gostaria de saber qual seria a melhor escolha?

— Está pronta? — ela perguntou.  
Assenti. Precisava saber.

— E o que eu faço? Só fico aqui sentada? Você precisa de alguma coisa?

Eu ri.

— Não. Estou bem. Pode demorar um pouco. Tem certeza de que quer esperar?

— Ah, faça-me o favor! É como perguntar se alguém quer sair da sala enquanto Picasso pinta uma obra-prima.

— Está me comparando a Picasso?

— Você entendeu. Agora comece.

Me acomodei melhor no travesseiro e tentei relaxar. Era difícil saber que estava prestes a ser inundada por lembranças de uma vida que ainda não tinha vivido. Na verdade, duas opções de vidas que ainda não tinha vivido. Seriam só cinco minutos para Laila, mas seria como um mês para mim. Me concentrei nas energias ao meu redor e tudo ficou turvo.